

O MEDO DE FALAR EM PÚBLICO E SUAS RAÍZES ESCOLARES: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E SUPERIOR

Maria Janieli Simão de Amorim¹, Carlos Rochester Ferreira de Lima²

¹ Graduanda em Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), e-mail: janieli.amorim@aluno.uece.br

² Professor do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), e-mail: rochester.lima@uece.br

1. INTRODUÇÃO

Enquanto seres humanos, o ato da fala é algo natural a nossa existência (salvo pessoas que possuem algum tipo de deficiência que a impeça). Dessa forma, é de nossa natureza que o processo do ato verbal se conclua e se desenvolva ao longo da nossa vida através de estímulos externos causados por nossa interação com o mundo ao nosso redor.

Quando estimulados, o desenrolar da fala acontece de forma tão espontânea que nem percebemos a naturalidade que isso acontece. Em casa é um dos ambientes em que se inicia o processo de fala. Enquanto somos bebês, esse processo se inicia através de pequenos balbucios que ao serem estimulados pelos nossos responsáveis através de diálogos (mesmo que estes pareçam algo bobo) estarão auxiliando diretamente o processo de formação e do desenvolvimento da linguagem oral.

Outro espaço que pode ser visto como fundamental para a formação e desenrolar de uma boa linguagem oral é o ambiente escolar, pois, este é um espaço de socialização e criação de experiências significativas para a vida em sociedade. Ao falarmos do ato de falar em público podemos notar que muitas pessoas se sentem intimidadas diante dessa situação e isso é algo que vem acontecendo frequentemente dentro dos espaços escolares. Ao serem convidados a participar de atividades que necessitam o contato verbal com o público, como a apresentação de trabalhos orais ou até mesmo situações de diálogos, pode-se observar que crianças e adolescentes tentam se esquivar desse cenário, pois, se sentem envergonhadas e até mesmo amedrontadas, podendo ser resultado de experiências negativas que já presenciaram dentro da sala de aula.

Diante dessa realidade, este trabalho tem como objetivo analisar as percepções de estudantes do Ensino Médio e Superior sobre o impacto das práticas pedagógicas e das experiências vividas no ambiente escolar no desenvolvimento do medo de falar em público, discutindo como abordagens didáticas autoritárias e a falta de acolhimento podem contribuir para o surgimento de inseguranças e dificuldades na comunicação oral.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho se trata de uma releitura (com algumas modificações) do trabalho que tem por título “**A INFLUÊNCIA DA DIDÁTICA ESCOLAR NO MEDO DE FALAR EM PÚBLICO E A CONTRIBUIÇÃO DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA NESSE CENÁRIO**”. Apresentado na Semana Universitária da UECE, no ano de 2025.

Essa releitura surgiu como forma de abordar novamente essa temática que consideramos tão importante a ser abordada na área da educação, visando uma formação plena e integral dos educandos. Continuamos com o método bibliográfico para termos o embasamento teórico necessário e adicionamos a formulação um questionário contendo cinco questões direcionadas a um(a) estudante do Ensino Médio e um(a) estudante do Ensino

Superior os quais utilizaremos nomes fictícios para preservar a identidade dos mesmos. Durante nossa pesquisa o questionário foi aplicado de forma online por meio da Plataforma virtual Google Formulário para que pudéssemos compreender o que esses estudantes pensavam acerca da temática e para isso foram utilizadas as seguintes questões:

1. De acordo com seu dia a dia, como você se descreve em relação à comunicação com outras pessoas: tímido(a), comunicativo(a), reservado(a) ou algo parecido?
2. Como você se sente quando surge a necessidade de falar/se expressar em público?
3. Diante de sua trajetória escolar, como você se sente quando precisa ler, responder ou apresentar algo na frente da turma? Você considera que medo de falar em público interfere na sua vida acadêmica de alguma maneira?
4. Você acredita que experiências negativas na escola influenciaram esse sentimento? De que forma?
5. O que você acredita que a escola ou a universidade poderia fazer para ajudar estudantes que sentem medo de falar em público?

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao iniciarmos as respostas da primeira pergunta do questionário, obtivemos as seguintes falas.

“Tímido, mas consigo conversar normalmente com pessoas que eu já tenho contato ou intimidade”. (João - Estudante do Ensino Médio).

“Eu me considero comunicativa, mas ao mesmo tempo tenho o receio de estar sendo muito expansiva, de estar me comunicando além do necessário porque eu sou uma pessoa que fala muito, eu penso muito rápido e acabo sentindo que a minha comunicação as vezes atrapalha as pessoas e isso faz com que eu me cale mais”. (Maria - Estudante do Ensino Superior).

Com essas respostas podemos perceber que João é mais tímido e se comunica melhor quando estar com pessoas que já possui algum tipo de proximidade, já Maria destaca que se acha comunicativa, mas que as vezes pensa que suas falas as vezes podem acabar atrapalhando as pessoas e isso acaba lhe deixando mais reprimida, daí já podemos perceber o princípio de um receio ao se comunicar perante outras pessoas.

Com a segunda pergunta tivemos essas respostas.

“Sinto muita vergonha, é como se quando eu fosse falar estivesse sendo julgado o tempo todo, pode ser algo da minha cabeça, mas é assim que me sinto”. (João - Estudante do Ensino Médio).

“Antes quando eu era mais jovem até que eu falava muito, conversava bastante mesmo, mas com o passar do tempo comecei a ser julgada pela forma como eu agia pois os outros achavam que eu conversava demais e isso acabou fazendo eu parar de falar tanto, isso era mais voltado ao meu ensino fundamental. Já no ensino médio eu continuei fechada, tinha receio de fazer perguntas ao professor ficando mais retraída, aí quando eu entro na faculdade eu tive que me “virar” para aprender as coisas porque eu tinha muito receio eu vim melhorar quando comecei a participar de uma bolsa de Programa e Educação Tutorial da minha faculdade, pois como as atividades demandam que a gente realize diversos trabalhos, chega um momento que a gente aprende a controlar o medo e se expressar melhor”. (Maria - Estudante do Ensino Superior).

No que diz respeito ao ambiente escolar, quando se tem uma prática educativa voltada para a intencionalidade de uma formação plena e integral movida pelo diálogo, liberdade de expressão e desenvolvimento do pensamento crítico, é evidente que este espaço funcionará como um ambiente capaz de proporcionar um bom desenvolvimento e uma aprendizagem significativa aos alunos. Um professor comprometido com a prática pedagógica busca criar uma abordagem pedagógica que incentive e auxilie o aluno no seu processo acadêmico. Para isso, o educador cria estratégias que faça com que o indivíduo trabalhe diversas áreas que o tornarão mais preparado para a vida em sociedade, dentre elas a “habilidade” de se posicionar e de se expressar criticamente diante de situações, sendo necessário para isso, o desenvolvimento da segurança e firmeza ao falar em público para passar a um determinado grupo ou plateia aquilo que deseja.

Dessa forma, adentramos nas respostas da terceira questão.

“Me sinto nervoso, minha voz chega a tremer e falhar instantaneamente. Sim, muito. Não me sinto confortável em apresentações escolares, pois tive professores que me causaram bastante inseguranças com palavras duras na frente dos outros”. (João - Estudante do Ensino Médio).

“Hoje eu já consigo me expressar e me comunicar melhor, mas eu acredito que o medo ainda existe dentro de mim, pois as vezes ainda me sinto insegura e nervosa. Na verdade, o medo de falar ele já me trouxe vários prejuízos na minha vida acadêmica tanto na questão de falar, tirar dúvidas que necessitavam ser tiradas como também expressar minhas ideias, mas acredito que consegui superar boa parte desse medo, mas eu acredito que todo medo e receio que ainda sinto ao me comunicar foi fruto de vivências e experiências negativas que tive no tempo do meu ensino fundamental”. (Maria - Estudante do Ensino Superior).

Através dessas falas podemos notar o quanto algumas experiências negativas podem interferir na vida dos sujeitos para além do momento vivido, pois quando se existe uma abordagem autoritária, cheia de cobranças, correções ríspidas e repressões, local onde apenas o educador é o detentor do conhecimento, sem haver diálogo ou qualquer forma do aluno poder se expressar e desenvolver sua criticidade, este será um espaço de silenciamento e opressão, gerando no aluno sentimento de insegurança e até mesmo medo de se posicionar, dificultando e comprometendo não apenas a vida escolar, mas também na inserção social e profissional.

Para responder a quarta questão obtivemos as seguintes respostas.

“Sim, pois acredito que a maior parte da vergonha e medo que sinto em falar na frente de outras pessoas foi causado dentro da escola. Na escola os professores dizem que estão ali para nos ensinar, mas quando perguntamos novamente algo que eles já tinham dito, eles nos respondem com ignorância e falam que se tivéssemos prestado atenção teríamos entendido, na frente de toda a sala e isso causa muita vergonha e nem da mais vontade de perguntar nada porque sei que a resposta do professor vai ser essa, parece que eles tem raiva quando não entendemos de primeira, mas o fato é que as vezes existem alunos que possui algum tipo de deficiência ou transtorno que dificulta a aprendizagem, como é meu caso que tenho TDAH. Mas parece que eles não ver isso ou não quer ver.” (João - Estudante do Ensino Médio).

“Sim, eu acredito que todo tipo de experiência que a gente passa na vida independente se é boa ou ruim de alguma forma ela marca a gente e eu acredito que as experiências ruins elas marcam mais ainda pois vamos carregar isso para o resto

da vida. Como eu sempre fui muito taxada por falar de mais, isso sempre me acompanhou e tive que me retrair pra ser aceita e para caber em determinados espaços. Hoje eu sou uma adulta que carrega muitos traumas do meu tempo de educação básica seja de outros alunos ou de professores, pois não foram só alunos que me causaram isso, também teve professores que me causaram muitos traumas, mas acredito que temos que tentar superar tudo isso”. (Maria - Estudante do Ensino Superior).

Os relatos evidenciam que correções ríspidas por parte dos professores e também de alunos podem impactar negativamente a confiança dos alunos, especialmente em relação à fala em público. No depoimento de João, percebe-se que respostas agressivas e constrangedoras diante da turma geram vergonha e levam ao silenciamento, já que o estudante passa a evitar perguntas por medo de exposição. Além disso, a fala destaca a falta de sensibilidade diante das dificuldades individuais, como no caso do TDAH, o que reforça sentimentos de inadequação. No segundo relato, observa-se que experiências negativas e rotulações ao longo da vida escolar podem gerar retração e insegurança que persistem na vida adulta.

E assim adentramos as respostas da última questão.

“Primeiro que deveriam ser mais compreensivos com os alunos e tentarem nos explicar novamente sem ignorância quando a gente não entender o que eles estão ensinando. Eu acho que se eles respondessem com calma o que a gente pergunta e deixassem a gente se sentir a vontade para tirar dúvidas na sala esse medo e vergonha de ser julgado nem aconteceria. Pois se o professor que tá ali pra ensinar a gente faz a gente se sentir envergonhado na frente de toda a turma dando sermão como que não vamos ter medo de ser julgado pelos de fora?” (João - Estudante do Ensino Médio).

Nesse relato podemos perceber que João sente que não é compreendido por alguns professores e sente falta de ter suas dúvidas educacionais sanadas sem se sentir constrangido com a resposta dada pelo educador. Dessa maneira, podemos entender que quando não conseguimos compreender um assunto e não temos a oportunidade de sanar dúvidas existentes sobre este, aquela aprendizagem não será significativa já que não foi possível compreendê-la por completo.

De acordo com Ausubel (2003), a aprendizagem significativa ocorre quando os novos conhecimentos podem ser relacionados, de maneira não arbitrária, com os conhecimentos prévios do aluno. Dessa forma, se a educação é mediada de forma que o aluno não pode se expressar e se relacionar com situações referentes a sua realidade, onde convive apenas em um cenário marcado por uma didática conteudista e que o impeça de experienciar vivências significativas, rodeado por professores que ridicularizam respostas ou não oferecem espaço para a participação crítica, estes estarão inseridos em um ambiente hostil e opressor, possivelmente podendo causar problemas e bloqueios emocionais nestes, não dando aos mesmos o sentimento de pertencimento a sociedade. Segundo Vigotski (2001, p. 59), “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam”. Dessa forma, se o aluno comete algum erro e é corrigido de forma exagerada ou ríspida, o processo educativo será marcado por medo e inseguranças. Freitas; Silva; Santos (2023, p. 4) afirmam que:

“As causas do medo de falar em público podem ser multifacetadas. Entre elas, destacam-se a insegurança, os traumas passados, as experiências negativas durante as apresentações, e a pressão acadêmica, que podem intensificar a ansiedade.”

Já Maria respondeu da seguinte maneira.

“Eu acredito que a escola deveria ser um ambiente mais empático, porque a gente sabe que quando a gente está dentro uma sala de aula com varias crianças, precisamos entender que cada uma tem uma vida, tem singularidade e realidades diferentes. Então eu acredito que a gente precisa entender que nem todos os alunos são iguais, cada um tem seu ritmo e singularidade, uns vão aprender mais rápido outros mais lentos e precisamos respeitar o ritmo da criança. Já na universidade é mais difícil lidar com isso, porque os professores entendem que já somos adultos e as vezes não conseguem enxergar que também temos limitações, que também temos dificuldades e as vezes nem temos como demonstrar isso, então acho que a universidade deveria ter um olhar mais atento para isso, e tanto a escola como a universidade se tornassem um espaço mais acolhedor e que valide as falas e sentimentos dos estudantes e mostrem que podemos sim, demonstrar e expressar o que queremos sem sermos julgados”. (Maria - Estudante do Ensino Superior).

E assim, podemos notar que Maria atenta para a necessidade de haver a compreensão por parte dos educadores para as singularidades e ritmo de cada aluno, necessitando haver um ambiente mais empático e acolhedor para os educandos levando em consideração que todos que todos possuem diferentes formas de aprender e diferentes desafios, o que exige um olhar mais sensível e adaptado às necessidades de cada um.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa maneira, ainda que parcialmente, concluímos que uma prática pedagógica estritamente tradicional e marcada pelo autoritarismo, falta de diálogo e julgamentos, pode mesmo que de forma inconsciente ser um fator responsável por desencadear nos educandos sentimento de medo e insegurança de falar em público, pois ao conviverem diariamente em uma sala de aula dirigida por críticas, julgamentos e correções exageradas que causam de alguma forma sentimento de vulnerabilidade e vergonha frente a outras pessoas, certamente estes se sentirão acuados com o surgimento da necessidade de se posicionar diante de determinados grupos de pessoas, pois possivelmente verão isto como forma de ameaça/constrangimento a sua pessoa.

Palavras-chave: Medo de falar em público; Raízes escolares; Percepções.

5. REFERENCIAS

AUSUBEL, David Paul. *Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva*. Lisboa: Plátano, 2003. Disponível em: [livro-ausubel - PDFCOFFEE.COM](http://livro-ausubel-PDFCOFFEE.COM).

FREITAS, Acimarney Correia Silva; SILVA, Andrey Alcântara da; SANTOS, Rebeca Natielle Rego. *O medo de falar em público e suas consequências: um estudo de caso com estudantes da área de engenharia de uma IES pública da Bahia*. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), 9., 2023, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2023. ISSN 2358-8829. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/101205>.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. Disponível em: https://www.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/Public/1-mackenzie/universidade/pro-reitoria/graduacao-assuntos-acad/forum/X_Forum/LIVRO.VYGOTSKY.FORMACAO.MENTE.pdf